

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 430

Data: 14.04.77

Pg.: _____

^{258 14.4.77}
Funai tenta tirar índios da fazenda

A Funai confirmou ontem que a fazenda Agropexim, em Mato Grosso, continua interdita uma vez que os trabalhadores, que haviam sido designados pelo fazendeiro Rames Risk para reatuar os trabalhos na área, fugiram em pânico, depois que dois índios txucarramãe apareceram na sede da fazenda. Esta semana, a Funai designou um representante do Departamento Geral de Operações para verificar junto aos índios se eles realmente voltaram atrás no compromisso que firmaram em Brasília e no qual se comprometiam a não realizar novos ataques, como o que ocorreu no início do ano e que resultou na morte de dois peões.

Segundo as informações da Funai, os trabalhadores contratados pela agropecuária desconheciam o problema existente na fazenda com os txucarramãe, o que teria causado o pânico entre eles quando da chegada repentina dos índios.

Apesar de não ter ainda um relatório oficial dos últimos incidentes na área, o general Ismarth de Araujo Oliveira, presidente da Funai, considera perfeitamente viável o reinício dos trabalhos na Agropexim, desde que seus proprietários contratem um número maior de trabalhadores, pois os índios jamais atacam quando estão em inferioridade numérica. Esta solução, porém, não agradou o empresário Rames Risk que quer ter, antes de tudo, uma garantia de que não será mais molestado já que sua fazenda está localizada fora dos limites da área indígena.

O impasse criado na Agropexim é considerado um dos mais graves enfrentados atualmente pela Funai, pois

os txucarramãe são índios ainda bastante primitivos e não entendem direito os motivos da limitação de sua área de reserva.

JURUNA

Depois de uma semana em Cuiabá e de inúmeros contatos infrutíferos, inclusive com o governador Garcia Neto, o "capitão" Mário Juruna, da aldeia xavante de Namacurá viaja esta manhã para Brasília na tentativa de obter auxílio para seu povo e conseguir a abertura de uma estrada de trinta e seis quilômetros ligando sua aldeia com a cidade de General Carneiro, o que possibilitaria o escoamento da produção de arroz da tribo.

Mário Juruna, que de prático obteve em Cuiabá apenas uma verba de 4.800 cruzeiros, doada pelo Banco do Brasil, e com a qual comprou 40 cobertores, pretende também vir a São Paulo para pedir às fábricas de roupas que façam doações ao seu povo.

Na delegacia da Funai em Cuiabá, Juruna teve uma discussão, gravada integralmente como é seu costume, com o assistente administrativo Arony Ribeiro a quem acusou de "inimigo do índio" e aconselhou a procurar outro emprego. Depois de um diálogo bastante áspero com Arony, Mário Juruna pediu ao delegado da Funai que demitisse o funcionário e colocasse "gente justa para resolver os problemas dos índios". A insistência do "capitão" foi tanta, que acabou conseguindo que o delegado admitisse que o assistente não se relaciona bem com o índio e também que não poderia fazer nada, pois ele "foi nomeado pelo presidente da República e indicado por um general".